

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



UM "FRESCO"... NOTAVEL



Ou a única maneira de estar a 38 graus à sombra... da Brasileira

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

PIM - PAM - PUM

A que toda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que publicamos nos n.ºs 65 e 66.

RESULTADOS DA PRIMEIRA SEMANA

Concorrentes com 5 pontos:

Rosa Maria, Adriano Fernandes da Silva, L. Baía, Francisco Moutinho, Maria R. Lopes, A. Martins, Maria Rosa Moreira.

Concorrentes com 4 pontos:

Amaral, António Dias Pereira (Paga já), D. Giló, Domingos Ferreira da Silva, Evaristo Teixeira, Maria Helena Aguiar Neto, Margarida e Maria, Monteiro II, Pimpão de Altamira, Sá Bichão, Zé Barão, Maria Manuela, Rodrigues Pinho, J. Fernandes da Gama, Bichinha Gata, Zé Lopes, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa, A. Lopes, Fuinhas, Maria Alice, Miramar, Mi-quinhas.

Concorrentes com 3 pontos:

Alma até Almeida, Adriano X. Nel, António Alves Barbosa, Augusto Brandão, Augusto dos Santos, Augusto Nunes, Aureo Amândio Martins, Kateleb-Elmá, Claudino Henrique, D. Quichote, D. Tancredo, Domingos Dias dos Santos Nunes, Domingos Serqueira, Duarde Manuel da Cunha Feroso, Eduardo de Almeida Rodrigues, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Fernando Coelho, Fernando da Fonseca Braga, Francisco Teixeira, Horácio Ferreira, Joaquim de Abreu, João Ninguém, João Afonso Radão, Jorge Carneiro Alegria, João Rodrigues Pereira Salvador, José Teixeira Tavares, Lizé, Maria de Lima Reis, + ou, Nanachins, Manuel Claro Dixo, Maria Adelina Santos, Maria Julieta Pereira de Lima, Maria Santos, Maria Regina, Miki, Néné, Oesicuarf Oinotna, Orlando Figé, Pum-Pam-Pim, Pim-Pam-Pum, R. Andrade, Ruy de Altamira, Rutra Luar, Saxies 3.º, Sécóalho, T. A. T. S., Xalsa C. P. de Oliveira, Zangorlipanfas, D. I. S. S.

Concorrentes com 2 pontos:

Rei dos Nabos, A. A. P. Vasco, Adelino Mendes Leal, Albino Ramos de Castro, Alcino, Alma até Almeida, Altamiro Pinto de Abreu (Ha Gixe), Alexandrino Machado, Alvaro José Magalhães dos Santos (Alvarito), Alvaro dos Santos Coutinho, Amâncio Peixoto, Aurélia Santos, António Teixeira de Sousa, António Alvaro, António Carneiro, António Emílio Martins Portela, António Baptista, António Ferreira, António Lourenço Camelo Júnior, António Lopes, António Oliveira, Arsénio (A. Nunes Pereira), Aug. Daniel Dias, António Marques, Bastos de Oliveira, Belmiro A. da Silva Pôrto (Otopavlis), Belli, Belmiro António da Silva Pôrto, Bucha e Estica, Charlot, Calena Zé Zé, Conceição Pereira de Lima (Serigaita), Coração, Dilia Galo de Moncorvo, D. Lopi, Eduardo Lóbo de Avila, Elmano Siamor, Emília da Silva, Eu se não ganho choro, Fé, Herculanô Ribeiro Feliz, Fernando de Lima Toscano Pessoa, Fantasma Negro, Fernando Manuel Lopes Pintão, Francisco Aug. Ventura, Francisco de Oliveira, Francisco Oldmiro Carneiro (Frank Old.), Gomes de Oliveira, Gardina Couto, Gertrudes Maria David, Guicha, Jaime Soares da Silva, João de Sousa Costa Barrecas, Joaquim Gonçalves, Joaquim Teles Cabral, Joaquim Gonçalves Matias, Joaquim da Silva Tino, José Amadeu Martins de Lima, José Caranca Redondo, José Gil Pimentel, José Ferreira Ramos Vilela, José Marques de Moura, José Guinvoio, José dos Santos 21, Juca, Kikinho, Lafayette 1.º, Labina, Lamise, Leia, Luis Gomes da Silva, Maitofi T. Strogoff, Manuel Aug. da Silva Vieira, Manuel de Melo Carvalho Júnior, Manuel da Silva Guimarães, Maria Lamas Campos, Maria Cristina, Maria Arminda, Maria Pinto Moreira (Riana), Maria Rodrigues, Mitago, Moisés Pimenta da Costa, Octávia Maria, Otter, Per-sorme, Pirilampo, Pirolito, Pseudónimo Meia

bola e... fogo, Rei do Arco, Rei dos Nabos, Rogélio Vermelho, Rucas, Sepol, Só Darco, Sonate, Sou um burguês terrível, Schippy, Soé.

Concorrentes com 1 ponto:

Abilio Fernandes Mesquita, António Castro, António Aug., António Reis, Angasmi, Arrelbenta Concursos, A. Ventura, Borda-Leça, Cas-silva, Carlos Baptista, D. José, Delfim de Freitas, D. Mistério, J. Rodrigues Grande (Quim Grande), Joaquim Mesquita de Meneses, Joaquim Sereno, Eduardo Marques Rebelo, Fernando Polónia da S. Gonçalves, Flor de Liz, Flor de Liz, Francisco Oldenirô Carneirô, João Monteirô & Almeida, João Tino, José de Oliveira, Joreca (João Reis Camacho), José de Carvalho, José Rosas da Costa, L. L. L. 3, Luis Oliveira Duarte (Marçal), Mannel Marques de Figueiredo, Manuel André Ferreira da Cunha, Manuel de Figueiredo, O Mar-ricas, Manuel de Oliveira, Maria da Costa Lamas, Maria Raquel da Cunha Milhano, Maria de Jesus Vieira da Cunha, Maria Isabel Ferreira da Cunha, Maria Lygra Pereira, Maria Júlia G. Figueiredo da Mota, Marilis Mário António Santos, Migu-Trigueiros, Migusta, Napoleão Barbosa Oliveira, «O Homem que nunca ri», Baco, Pim-Pam-Pum, Rolando Fernandes, Rosa Branco, «Rossiena», Rutra Luar, Sempre Pronto, Tripeiro, X. Alta-mira, Zé Elias.

NOTA — Não damos a relação dos concorrentes que não acertaram no Sempre em Pé por razões que se compreenderão facilmente.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Enfim, chegou o calor. Todos os seres o esperavam ansiosamente, desde as pobres videiras, em cujos cachos o frio e o nevoeiro estendiam já a coloração acinzentada do ódio, até ao bípede que imprópriamente se diz rei dos animais, porque já não reina sobre coisa alguma, nem mesmo sobre si próprio.

E' que, nas praias, durante todo o mês de junho e a primeira quinzena do corrente, sofria-se uma temperatura verdadeiramente polar. O mesmo acontecia nas termas, que se amostravam bem mais merecedoras do nome de geleiras. E muita gente perguntava se Portugal não teria mudado de latitude, transferindo-se para o hemisfério sul e acantonando-se nas proximidades das terras de Francisco José.

De súbito — e precisamente quando todos nós mandávamos fazer sobretudos novos — o calor estalou, ardente, insuportável, opressivo. Mais uma vez se provou que não existe no nosso país a noção das proporções. Ou tudo, ou nada. Desconhecemos o meio termo. Ou frio de rachar, ou calma de estoirar as pedras. Sempre nos extremos. Acho que é a isto que os geógrafos chamam um país de clima temperado.

De forma que, nas praias, os banhistas deliberaram em assembleia geral — depois de terem consultado o observatório meteorológico de Lisboa — despir os varinos, descalçar as galochas, e irromper das barracas envergando a consabida malha que o homem inventou na mira de patentear aos semelhantes os seus defeitos físicos. Não se lembraram, porém, da policia dos costumes, matrona venerável que, de braço dado à moral, emprega os seus cem olhos de Argus na contagem dos centímetros quadrados de epiderme à mostra permitidos pela lei. Houve que recuar. As malhas foram proscritas. Voltaram os trajes de flanela azul: calças até ao tornozelo, casaco afogado no pescoço e descendo abaixo dos quadris. Assim, os banhistas machos distinguem-se dos banheiros apenas pela falta do bigode. Mas confundem-se lamentavelmente com as banhistas fêmeas, cujas características diferenciais — maior exuberância de linhas e rotundidades — se escondem sob a impiedosa e inestética flanela.

Só as crianças continuam, no impudor próprio da inocência, a mostrar as pernas, os braços, o peito e as costas, usando malhas que não vão além das dimensões de uma tanga. Com essas, ninguém se mete. Tão certo é que pelas malhas se escapa sempre o peixe miúdo.

Encontrei ontem um amigo de Espinho a deitar lume pelos olhos.

— Dão-me cabo da terra — berrava ele. — Espinho atravessa uma pavorosa crise económica. Com a proibição do semi-nu, desapareceram os espectadores dos banhos. Todas as manhãs, o trâmuei das 8 e 55 chegava a Espinho carregado de passageiros, homens e mulheres que vinham de propósito para assistirem ao gostoso espectáculo. Agora, nem um para amostra. E tem razão. Pois que gosto pode haver na contemplação de um monte de flanelas mergulhando nas salsas ondas? Olha-se para o mar, e todos os banhistas parecem alforrecas gigantes. Os homens ficam desconfortados. Mas onde se lê maior descondo é nos olhos das mulheres. Porque, se desapareceram as Vénus, também se evaporaram os Apolos. Tudo igual. Tudo medido pela mesma craveira. Faz lembrar a teoria do Hitler. A raça inteira reduzida a um tipo único.

Parou, para tomar o fôlego, e prosseguiu ao cabo de um instante:

— E agora, ameça-nos um novo golpe. Porque, se os portuenses nos não visitavam de manhã, eram certos à noite, enchendo as salas

da roleta. Mas vem Matozinhos, e pede uma zona de jogo. Se lha concedem, era uma vez Espinho. Antes lha concedessem o liceu, que faz menos mal.

Obtemperei:

— Tanto um liceu como um Casino são casas de instrução, meu caro amigo. Sempre ouvi dizer que o jogo faz parte da educação de todo o homem que se preza. Todavia, como estou convencido de que a felicidade reside na ignorância e de que o velho Portugal só voltará a ser venturoso quando fôr de novo um viveiro de analfabetos e de trogloditas, eu, se fôsse ministro, começaria por fechar as escolas e as casas de jogo. Letras, só as comerciais. Cartas, nem as do Padre António Vieira. E deixaria os banhistas despir-se à sua vontade, ao mesmo tempo que meteria na cadeia toda a gente sem carácter moral. Porque só há uma nudez prejudicial: a das almas. E é sempre perigoso deixá-las estardear-se, como agora está acontecendo, em toda a sua repelente hediondez.

Marcial Jordão.

Juízo... feminino



Ao reler as cartas dum amor que de há muito se foi, Ela teve esta expressão: «Os homens são todos iguais. Uns biltres e hipócritas, que não merecem um sorriso de mulher... mas, com todos os seus defeitos, que seria de nós sem eles?...»

Balancete da semana

Nunca sessão política, em Cascais,
houve um juiz que revelou seu dote
de poeta eminente,
suplicando aos demais
que lhe dessem um mote,
mote que êle glosou em continente.
Já se sabia, desde o grão Ferreira:
«Não fazem mal as musas aos doutores».
Mas provou-se também, desta maneira,
que elas não fazem mal aos oradores.
Nem tampouco aos políticos, vezados
em fazer propaganda.
Nem mesmo aos magistrados
e à gente veneranda.
A continuar assim, quer o destino
que os juízes formulem as sentenças,
embora muito extensas,
em verso alexandrino...

*

Post, o aviador,
apanhado por súbita borrasca,
foi cair com fragor
nas regiões de Alaska.
Não morreu, felizmente.
Mas ao erguer-se e ao desatar a cinta,
diz um jornal, em telegrama urgente,
que tinha o rosto e as mãos cheias de tinta.
Disse certo erudito
que um avião, cruzando o infinito,
é carta sem destinatário certo...
E Post, agora, embora muito esperto,
foi dessa carta um simples Post-escrito.

*

O autor da *Viúva Alegre*, Franz Lehar,
foi inscrito no Index alemão.
Hitler, o audaz, mandou-o excomungar.
Mais um a ser expulso da nação.
Foi um êrro palmar
que um crítico define
como um perigo para os agiotas,
porque o compositor do *Paganini*
tinha passado a vida a juntar notas.
Conservando-o, a Alemanha poderia
— ela que tem montões de notas falsas —
pagar aos seus crêdores, dia a dia,
em *fox-trots* e valsas...

*

Num fôgo que lavrou na capital
arderam *fitas* a granel. Foi obra!
Mas assevera alguém que em Portugal
inda há *fitas* de sobra.
Para o consumo, bastam-nos agora
os filmes grandiosos e tafues
que projectam na rua, a tôda a hora,
os *camisas azues*...

Turiddu.

Um grande urbanista francês que dá
pelo sugestivo chamadoiro de *Agache*,
foi convidado para delinear o plano de
urbanização da linha Lisboa-Cascais.
Folgamos com o facto, tanto mais
para salientar, quanto é certo que aquela
linha maravilhosa merece bem uma apre-
sentação condigna.

Pomos de remissa, porém, o dinhei-
rão que isso irá custar. O sr. *Agache*
como estrangeiro que é, está habituado
a gastar às mãos cheias. Por isso nos
limitamos a dizer:

Agache... se quem puder...

E se não tiver melhor sítio, poderá
agachar-se à sombra de uma das muitas
árvores que lá virão a ser plantadas.

Em Espanha, foi descoberta última-
mente mais uma conspiração monár-
quica.

Ao ler isto, lembrou-nos não sabe-
mos porque razão, os primeiros anos
da nossa República.

Ao mesmo tempo noticiam os jornais
que o govêrno do sr. Azaña, está em
crise. Não haverá qualquer relação entre
uma coisa e outra? Oxalá que lhes não
aconteça como àquele rapaz da história,
que para se divertir, berrava que vinha
o lobo. E quando êle veio de verdade,
já não teve ninguém para lhe acudir.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

PROJECCOES DE BRAGA

A mais indispensável das necessidades ao preço de 300\$00 — Aumento de Policia e vigilância nos lugares do fresco — Economia de vulto — Aquisição de mais muares para a Câmara

Numa attitude que é para louvar, os correspondentes nesta cidade dos diários do Pôrto *Jornal de Noticias* e *Primeiro de Janeiro*, trazem a público o extracto das propostas apresentadas numa das últimas sessões da nossa câmara, seguido dum comentário criterioso e lógico.

Ai vai a transcrição do que se passou no Município da pretensa terceira cidade, que por nossa vez analisaremos :

Camara Municipal

JULHO, 20 — Na sessão de ontem foram apresentadas e aprovadas as seguintes propostas :

O sr. Manuel Sardinha apresentou as seguintes propostas: que se aumente para 30\$00 a multa a aplicar ás pessoas que tendo necessidade de se utilizar de retretes ou mictórios públicos o não façam nos lugares próprios; que se envie todos os esforços no sentido de ser aumentada a corporação da P. S. P. de Braga; e que se officie ao sr. comandante da P. S. P. no sentido de sôbre os jardins se exercer maior vigilância, principalmente de noite.

Depois de algumas palavras de elogio do sr. Martins Cerqueira, foram as propostas aprovadas.

Pelo sr. Júlio Guimarães foram apresentadas as propostas seguintes:

Que, por medida económica, toda a iluminação pública fora de barreiras, e em ponto onde não haja contractos especiais com a Câmara, seja apagada, d uma hora de noite, nos meses de Maio a Setembro, e d meia noite, nos restantes meses; que se verifique o grau de pureza da água das Sete Fontes, devendo para esse efeito, realizar-se três análises; uma já, outra em Novembro e a terceira em Fevereiro, para o que deverão ser colhidas amostras na origem, no curso e no depósito dos Terceiros; e que lhe sejam fornecidos elementos sôbre o dinheiro existente em cofre no dia 30 de Junho e o montante dos compromissos actuaes da Câmara. As propostas foram aprovadas por unanimidade.

Foi ainda aprovada uma proposta do sr. dr. Augusto Correia no sentido de ser comprada mais uma muar para o serviço de limpeza.

Ignoramos qual o preço anterior que regulava estas fisiológicas necessidades, mas, por muito diminuto que fôsse, numa época de crise como a actual, 30\$00 é simplesmente caríssimo. Necessidades há bem mais agradáveis e

menos urgentes, a um menor preço tornando-se por vezes tanto mais baratos quanto mais impróprio é o lugar onde se executam.

Semelhante medida, apresenta-nos perante o resto do País, como uma população de *cevadões*, sendo certo que a respeito de mictórios quasi estamos reduzidos aos dos Cafés e no que toca a retretes públicas usufruímos apenas uma miniatura em estilo manuelino, sendo necessário adquirir bilhete na véspera e por um preço semelhante ao duma diária nas Cozinhas Económicas; há a acrescentar que apenas se encontra aberta nos dias solenes.

O Sr. Manuel Sardinha, talvez por influencia do apelido, pretende que os bracarenses passem a usar — ureia de conserva. —

No que se relaciona com o aumento de Policia, tomamos a liberdade de lembrar a Sua Ex.^a o processo indicado pelo falecido escritor André Brun em casos desta natureza:

Ordenar à Policia prevenção permanente — como se sabe um homem prevenido vale por dois — assim teremos a corporação de Braga elevada ao dôbro, sem o minimo dispêndio.

A vigilância sôbre os jardins, principalmente de noite é quasi incompreensivel nestes tempos de calmaria, não sendo fácil encontrar o *fresco* senão nesses lugares; e independentemente teremos a considerar que só uma repartição da cidade dispõe de compartimentos próprios para essas digressões.

Surge-nos em seguida o Sr. Júlio Guimarães com as suas *medidas de ter grande alcance* que até parece de *Barcelos*.

Quer água para banho devidamente analisada e deseje que a cidade fique a meia luz, para acompanhar o progresso.

A «média luz» é outra limpeza!!...

Verifica-se de facto que após um lauto jantar a luz é dum efeito desastroso e assuntos há ainda, que para uma boa solução necessitam do escuro.

Na *pirogravura*, por exemplo, a luz demasiada é altamente prejudicial.

Como economista, o sr. Guimarães vai além de toda a expectativa, colocando em «cheque» o próprio Ministro das Finanças.

Se o sr. Dr. Oliveira Salazar plagia a ideia tiremos num futuro próximo a nação iluminada a velas de sêbo. O pior são os castiçais!!

Finalisa o sr. Dr. Augusto Correia, solicitando a compra de mais uma muar para serviço da Câmara.

Depois do que enviei, este Ex.^{mo} Dr. para proceder com critério, não tinha outro caminho a seguir.

Reporters Unidos.

Os impossíveis d'este mundo

- Serrar madeira com a Serra... do Pilar.
- Plantar couves num quintal... de bacalhau.
- Apagar um incêndio com... gasolina.
- Colocar no cabelo das mulheres uma trevesa... de campanhã.
- Pagar uma dívida com uma nota... de música.
- Deitar o fogo... à água.
- Trazer o relógio da Sé, agarrado ao... pulso.
- Tirar fotografias com uma máquina... de furar.
- Fazer explodir uma bomba... de tirar água.
- Alumiar-se com a vela... do moínho.

Monteiro II.

OS MEUS BONECOS

V

BEATRIZ COSTA



Um amor de rapariga estouvada, notável artista do teatro ligeiro e, já agora, uma das nossas boas «estrelas» cinematográficas, como em breve se verificará na «Canção de Lisboa».

O calçado de fama

DIANA

Vendas a prestações com bonus

53, Largo dos Lóios, 54 — PORTO

Telefone, 5422



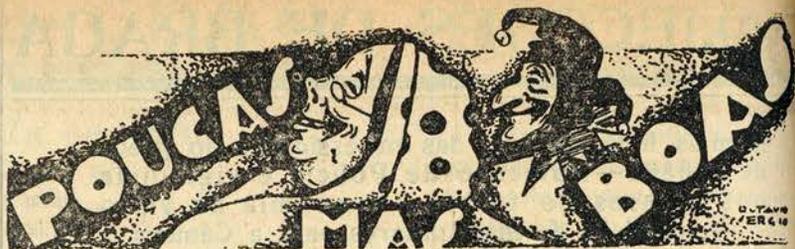
As ondas torna as ondas que tomou...

Canto 5.º — XXII.

Posta restante

X. — Tem você razão. O prêmio calhou ao X. Mande um selo de um escudo e receberá os *Ares da minha serra*.

Antônio Pinto — Para seu interesse, agradecemos o favor de passar pela nossa redação.



A infalibilidade da ciência

(Quarto de doente. Numa mesa pequena, que branca toalha esconde por completo, há muitos frascinhos com líquidos de várias cores, tendo, equilibradas sobre as suas rólhas, colheres de todos os tamanhos. Na cama, um vulto amarelento, murrado, rola em tôlas as d. recepções os seus grandes olhos de febre).

A ESPÓSA DO DOENTE (de cara torcida para o lado, a afastar o nariz de um vaso que sustenta numa das mãos e na qual tremeluzem líquidos de fosforescências esverdeadas) — Diga-me, doutor! Tem esperanças de o salvar?

O DOUTOR (dogmático, superior, como se afirmasse uma verdade irrefutável) — Mais do que isso, minha senhora. Tenho a certeza de que o salvarei!

A ESPÓSA (sempre de cara à banda e nariz engelhado) — Mas repare, doutor, como ele está mal. Passou tôda a noite num delírio pegado

e sempre, sempre, (aponta o vaso) como se dentro d'ele se tivesse aberto uma caudalosa fonte!

O DOUTOR (sempre dogmático) — Mesmo assim, minha senhora! A ciência não falha! É fundado nela que eu faço esta afirmação. Seu marido há de escapar!

A ESPÓSA (agira com o nariz cada vez mais engelhado e já com um olho meio fechado) — Mas como, doutor, se operará esse milagre?

O DOUTOR (firto, austero, como se estivesse a fazer uma lição num anfiteatro) — Ora! Dizem-nos os livros da especialidade que, numa doença como a do seu marido, de cem casos escapa um. Ora... até agora já me morreram noventa-e-nove com este mal. Logo este, que faz o centésimo, tem de escapar!...

Dr. Knox.

COISAS VERDADEIRAS

Na velha Escola Médica

Quem será o herói?!

Certo aluno, que professa ideias hoje muito em voga, e que blasona postos do comando na facção renovadora a que pertence, estava prestes a entrar a acto.

Patenteava à veneração pública, como de costume, o seu belo emblema com a Cruz Crito, mas à cautela, ou porque se lembrasse que o professor da cadeira fôra ministro da Instrução Pública em 1915, ou por um *superavit* avassalador de coragem moral, não se atreveu a entrar na sala de exame sem previamente esconder o distintivo num recondito canto do bolso do seu casaco.

E' o que se chama uma atitude desempoeirada e clara, e a MARIA RITA felicita o herói, não lhe oferecendo uma comenda porque isso não está ao seu alcance.

Mas fique o futuro Esculápio certo que tanto esse professor — velho republicano de coração magnânimo sempre ponto absolver as fraquezas dos seus alunos — como qualquer outro, seriam incapazes de lhe aumentar a já pesada cruz que trás na lapela do casaco.

No entanto se voltar a acozá-lo um susto semelhante a este, não recorra a tais ardis, meta-se antes debaixo das saias da MARIA RITA que é uma mocetona hercúlea e possante, sempre disposta a proteger crianças indefesas.

A publicação do nosso folhetim

O MISTÉRIO DA RUA DE ENTREPREDES

vai começar! Mas ainda não é hoje!

Vão, porém, os nossos leitores antegozando a delicia que lhes vai ser oferecida, sabendo que a saborosa obra

O MISTÉRIO DA RUA DE ENTREPREDES

será dividida assim:

PRIMEIRA PARTE

A Casa Encantada

em que o sagaz leitor, de olho coruscante e dedo em riste, dirá sem hesitar: *branco é, galinha o põe!*

SEGUNDA PARTE

Guerra ao Mistério!

emocionante e instrutiva narração dos trabalhos de investigação — façanhas homéricas! — dos nossos agentes informadores.

TERCEIRA PARTE

O Elevador Mágico

em que se desfiarão os mais intrincados planos, arrojadas hipóteses, complicados cálculos; as mais variadas soluções e as mais extraordinárias conclusões, tudo conduzindo ao

EPÍLOGO

Viva a Galiza!

dum significado filosófico transcendente, a que não é estranha a grande escola fundada pelo inspiradíssimo Mestre Sapateiro de Braga.

Como veem, senhores, vai ser o orgulho da MARIA RITA o estupendo folhetim

O MISTÉRIO DA RUA DE ENTREPREDES

DESCANSO SEMANAL

Uma ressurreição absolutamente necessária
— Quem disse que o Damião morreu?
— Quem foi que venha à estacada!...

Minhas senhoras e meus senhores:

Afinal era tudo mentira. O Damião não deixou a padaria e continua a fazer o que lhe apetece no «Ecos de Cacia». Essa bojarda que nos trouxe a impressão de que este formidável castelo de asneiras tinha derruído, se calhar foi levantada pelo grande Adolfo Barbosa.

O «Ecos» vive. E como vive, dá-nos o almejado pãozinho. Vamos a ver o que dizem os seus dois últimos números. Preparem os lenços e vamos a isto. São da sua correspondência de *Taboeira*, os períodos que vão seguir-se:

De Taboeira

Deve ter lugar no proximo domingo dia 9 o enlace matrimonial da simpática, e muito aprendada menina Elyra, filha querida do nosso estimado contrâneo e grande industrial de Panificação em Vila Nova de Gaia, sr. Antonio Marques da Graça, com o antigo empregado das suas Padarias sr. Anastacio Rodrigues Migueis, filho do sr. Manuel Rodrigues Migueis.

Com antecedencia aqui enviamos os nossos mais sinceros cumprimentos de todas as felicidades de que os noivos são dignos.

Felicitando ao mesmo tempo, as duas illustres familias Marques da Graça, e Rodrigues Migueis.

St.ª Maria Madalena

Perparam-se grandes festas á nossa padroeira, St.ª Maria Madalena, para os proximos dias 22, 23, e 24.

Do seu programa até há hora que escrevemos, não nos é possível saber.

O tempo

Ultimamente o tempo tem corrido muito pouco favoravel ao lavrador, pois que, após de umas balentes «nortadas» veio a calma com uns pingos de chuva, cujos nada produziram.

As vinhas aprezetam-se lindamente infeitadas, quem déra que se salve toda a nascença que as mesmas contem.

C.

E digam-nos V. Ex.^{as} se há melhor em parte alguma. Muita pena temos que o sr. Agostinho de Campos — o pigueu tornado atleta — não tenha dado conta deste formidável representante da nossa língua mai!...

Agora um bocadinho da sua *Carta de Angeja*... E' um mimo... e um nunca acabar de asneirolas. Vamos a ver...

Carta de Angeja

Sr. Director

Ao receber — o ultimo n.º do «Ecos» fiquei deveras sensibilizado por ver que um contrâneo meu o sr. Ernesto Baptista se referiu á minha humilde pessoa, ilogiando-me, ilogios esses pelo quais lhe fico muito grato, mas que me julgo no direito de não merecer, porque a minha humilde pena nada vale, o que rabisca e nada, nada é, porque sómente me limito ás noticias de que estão no meu alcance. Como deve comprehender o meu contrâneo as minhas aptidões não são para pedir o que Angeja tem direito, no entanto veja que a defesa da nossa querida Angeja está bem entregue, e é bom que prossiga com os seus belos escritos, já mais estando como sempre tem estado, o «Ecos de Cacia» de que venho colaborando á muito tempo ao dispor dos sagrados interesses da nossa terra.

Receba pois, o meu camarada, os meus mais sinceros cumprimentos, pela defesa e lugar que acaba de tomar neste humilde semanario.

Roubo

Quando há dias seguia para o Fontão o sr. Camilo Rodrigues, o qual tinha vindo a Angeja fazer uma venda de Pão, ao simo da jeira foi assaltado por um meliante que lhe sacou a importância de 600\$00, que segundo diz Camilo Rodrigues o gatuno era auxiliado por mais 4 companheiros, contra os quais já se encontra queixa na policia, em virtude de se desconfiar quem sejam os bem-fetores.

A' lerta Angejenses, cuidado e muito cuidado com as mãos definhadas.

C.

Nós bem sabemos que ainda hoje, e já vai passado um ano e pico, há quem não acredite nesta receita efficacissima. Mas se fôr preciso juramos por quantos santos existem, que não deformamos uma vírgula.

Agora vamos transcrever um piramidissimo soneto, que vem no mesmo número de onde recortamos os *enxertos* acima.

O Pôr do Sol:

O astro flamejante declinando

Por esse Além de nuvens 'sbranquiçadas,
Vai osculando as aivas cumiadas,
Que por Ele se ficam soliciando.

Começa o firmamento aguardando

Suas filhas, as suas muito amadas;
Essas 'strelinhas tanto suspiradas
P'los que no salso mar vão flutuando.

Aparecem; e logo vão c'lorir

Os pincaros das serras a dormir
Que elas vão docemente despertar

Dêste modo em colóquio amorôzo

Passam a noite e são precioso
Sem sequer suas pálpebras cerrar.

Lisboa

João Bastos.

Isto é mais do que formidável! E' incomensurável! São só 14 versos! Mas se avaliarmos pela beleza da imagem e pelo alevantadissimo conceito, ficamos com a certeza que este soneto vale um poema inteiro.

O' senhores! Pois se até os anúncios neste jornal, são um churrilho de asneiras! A fôrma é tóda a mesma porque é redonda de todo. Aí vai um:

Trespassa-se

Trespassa-se na Gafanha da Nazaré, em frente á Igreja, um talho e taberna Em boas condições, local corrente, e o motivo de retrada é por falta de saúde dos proprietarios.

Pode-se tambem alugar separadamente o talho da taberna.

O talho fica na mesma a fornecer outros, que estão no seu alcance. Para tratar com Joaquim de Pinho Vinagre.

(1)

Gafanha.

Apostamos como não há ninguém capaz de inventar uma coisa deste género. Ainda um dia havemos de fazer um concurso a ver se temos razão.

Afinal erramos: dissemos no principio desta página que iríamos tratar de dois números do *Ecos*, quando afinal só de um apenas nos incomodamos. E pena temos de não poder pôr tódas as asneiras que êle continha! As que ficaram de fora encheriam tóda a MARIA RITA.

Como o teu pão é prolífero, Damião!...

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente á R. G. Cristóvão), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-de-ouro); Trav. da Baiuharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 233-242. Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

QUANDO o termómetro cá de casa perdeu a corda, todos nós ficamos sem saber a quantos estávamos. Uns eram de opinião que já tínhamos ultrapassado os trinta-e-sete meio; mas estes eram os prosadores, porque os poetas acrescentaram mais umas *décimas*.

O' Rapazes! E' que êle no domingo, na segunda e mais dias limitrofes, parecia que se arrasava o mundo! No domingo, ainda tivemos por nós, o para-peito do *molhe*, na Foz, que além de comportar as três mil e quinhentas pessoas que lá foram procurar desabrigo ainda teve um cantinho para nos oferecer com aquela gentileza própria de quem passa a vida com os alicerces na água.

Mas na segunda, nesse esbraseado dia de semana, nem por música se pode dizer o que nos aconteceu. Dentro da redacção, era impossível estar-se porque se podiam fritar ovos nas cadeiras, e os cigarros ardiam por combustão espontânea. De mais a mais o cubículo é pequeno; e como o calor dilata os corpos, os nossos miseráveis esqueletos tentavam romper o paninho das convenções que os cobriam.

Um sítio fresco

Fomos para as trazeiras de onde se podem espraia os olhos até ao cumprimento de 5 enormíssimos metros. Na casa em frente mora há muito um velhote em quem nunca tínhamos reparado, mas que além disso, devia ser boa pessoa. Vimo-lo espapaçado num cadeirão enorme, de bôca entreaberta e com cinco dúzias de môscas a cevarem-se na respeitável careca. Os olhos estavam cravados num termómetro de parede, e os dedos enclavinados sôbre o mesmo. Soubemos depois que êste homem sofria horrivelmente com o calor porque quando o termómetro marcava para os outros trinta-e-nove, marcava para êle 40, visto que no ano transacto lhe tinham conferido o grau de cavaleiro de Cristo.

Numa casa ao lado, deparamos com uma viúva pouco reformada que andava por casa com a indumentária de rua, quando esperava os eléctricos à esquina do Paraíso. Fechamos os olhos instin-

tivamente e só os tornamos a abrir quando nos garantiram que ela continuava na mesma; isto é a bater num rapazote que estava a esfregar uma rôlha numa garrafa vazia, de cerveja. Conseguimos apurar que lhe batia porque estava convencida, segundo a física, que o atrito produz calor.

Uma volta pela cidade

Mas nem assim se estava bem, a-pesar-das vistas frescas que teem as trazeiras da MARIARITA.

Por isso fugimos, des-cemos os 52 degraus do nosso segundo andar, e quando chegamos à rua podemos enfim respirar... uma bafarada quente e um cheirinho a boi depois de passado pelos intestinos, que era uma consolação.

Sá Reis

E fomos por aí fora. Entramos no Sá Reis; esperamos hora e meia e saímos sem tomar nada porque aqueles criados do velho Miguel, parecem três gordíssimos cagados que fizessem entre si uma aposta, a ver qual engordaria mais. Além disso, tivemos que nos desentencillar de 33 vendedoras de tre-moços e 25 de camarões, com a agravante de dois trios de cegos guitarristas. Um horror e uma sede

capaz de fazer inveja ao célebre Gandhi.

Ainda tentamos dirigir-nos para a cervejaria Bastos e para encurtar caminho, metemos pela rua da Madeira. Mas logo à entrada, começamos a ver

O QUE FOI ESTA SEMANA

Calor, calor e mais calor! Os mores "edredons", e os melhores refrescos. Bebidas, carapindas e o mais que se verá



— Está ali uma boa mulher, não acha?...
— Nem por isso. E' uma espôsa.

cerveja de barriga debaixo das carroças e um cheiro a que fazia se-
sítios célebres, onde se planeiam tôdas as concordatas, revoluções e *teams* representativos, e onde a reputação de cada um passa de uma chávena para a outra como a bebida negra.

Pior! Estavam todos mais que cheios e em tôdas as suas mesas se estendiam os mais variados refrescos, desde a água simples até à simples água. Caras conhecidas as cercavam, suadas, congestionadas, felizes por aban-carem na frente de um copázio, maculado de princípio por aquelas gotas de suor que os criados não teem tempo de limpar à manga do *smoking*, e caem livremente, ou para os fatos dos fregueses, ou para os recipientes que teem de ser levados aos lábios.

A pessoa mais fresca do Pôrto

A sede mortificava-nos. A água da Companhia parecia caldo maduro. Atravessamos a Praça. E se não fôsse a torreira que mal nos deixava abrir os olhos, teríamos ido pedir ao D. Pedro IV que tã-dasse a cabeça do cavalo com a carta constitucional.

E caiu-nos a alma aos pés ao enfrentarmos com a criatura mais feliz do Pôrto, a menina nua, com os pés a brincar na água, tôda nuzinha, e com aquela expressão de

doçura e de frescura que tôda a gente conhece.

Quantas saúdes, senhores, dos tempos dos cueiros, as pernas tôdas à mostra, e sem a coleira da civilização que nos prende às convenções sociais!

Como nos pareceu feliz a gente de Pelotas, êsse célebre estado brasileiro que não paga a ninguém, mas que também não obriga os seus cidadãos a andarem convenientemente indumentariados!

Tam neste ponto as nossas conge-minações e já estavam, sem querer, a beber a água desta fonte de juventude, quando vimos passar a nosso lado quatro rapazes rigidamente vestidos de jogadores de *golf*, tendo cada um escrito nas costas da camisa uma letra. Distribuídos propositadamente, formavam a palavra *Adão* e faziam, segundo comprovamos, o reclame a umas camisas lançadas por um camiseiro inteligente.

Deliravamos então! E aquele nome, aquelas camisas, trouxe-nos à ideia os felicíssimos tempos do nosso primeiro pai. Corremos para casa novamente. E uma vez lá despimo-nos de preconceitos e de trages, e ficamos a fazer *pendant* — ou *bisanté* como diria o Martins de Matozinhos — com a nossa vizinha das trazeiras, mostrando ao céu, às estrêlas e a quem mais quisesse ver, a nossa camisa de Adão.



E agora?!...

A propósito do Concurso de S. João

*Foi preciso envelhecer,
Mil vezes suportar,
Vários achaques sofrer,
Centos de versos errar;*

*P'ra ter a consolação
De dizer: fui premiado!...
Mas, agora, S. João,
Ando algo atrapalhado!*

*A fogueira vou saltar...
Prometi!... Rico Santinho...
Para não ter de faltar,
Só se fôr, — a pé coxinho!...*

Eletê.

ADÃO -- a camisa para os grandes calores

ADÃO -- pai das camisas... modernas

O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO ÀS COLONIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I—N.º 5

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50:000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Hoje é que está certo. Estou a escrever este editorial debaixo de uma temperatura de 40 graus à melhor sombra que possuo. Isto é horrível! Escrevo mais com o suor do meu rosto do que com a negra tinta que a minha caneta comporta.

Mais uma razão para me aproximar de vocês, ó meus leitores de além-mar, que a estas horas, talvez, estejais deitados na comodíssima rede, e com um enxame de pretas a refrescar-vos de todos os lados.

Eu bem sei que as grandes obras da natureza se fizeram com o calor. Haja em vista os homens celebrados através da história universal, os grandes fornos crematórios e os pudins. Mas hoje, palavra de honra, eu antes queria uma cervejinha fresca e um pouco de creme ou *ralenti*.

Sempre seria melhor e vós não teríeis de suar para ler estas miseráveis linhas muito escorripichadas à custa da lembrança querida do nosso Pólo Norte.

Nova Lisboa

Cópia de uma participação que um membro da Associação Comercial lá da terra mandou às entidades superiores em virtude de um caso de corrupção extemporâneo:

Excelentíssimo Senhor Adeministrador do Conselho de.....

Venho **quomunicar** a Vossa Excelencia que o **Sinhor Aspirante F.....** mandou **onte** ao meu estabelecimento **comprare** uma garrafa de vinho de **varril**, que me recusei a vender por causa da portaria 84 que faz **proinibir** a venda de vinho ao **valcão** nos dias de **domingo**, e **porisso** se eu a vendesse seria **murtao** e **autuado** com multa de 500\$00, e **assim** como fui um **funcionario** do Estado que me **aconselhou** a **transgredire**, **acho** eu que ele **tambem** deve pagar a **mesma** multa e até devia **sêr** a **dobrar**, por se **tiatar** de uma pessoa que **tuha** **ubrigação** de **cohecer** as leis e **não** **transgredire** a seu modo.

Acho eu que o **funcionario** **acusado** por mim, deve ser **castigado** **competentemente** mas Vossa Excelencia é que **melhor** sabe, **embora** fosse preciso um **exemplo**.

Mando **tambem** a **garrafa** que ficou **aprendida** na **muha** casa e que o **servente** dele **trazia** para **levar** o **vinho**.

Desculpeme Vossa Excelencia, mas eu **de** **cautela** **faço** esta **partissipação** em **tres** **copias**, uma para o **Senhor Governador Geral** e outra para o **Senhor Governador do Distrito**, e a outra para Vossa Excelencia, porque eu **bem** sei que **muitas** vezes as **coisas** **nem** (**!**) **tem** **andamento** porque **não** **convem**, **Saude** e **fraternidade**.

..... em 13 de Junho de 1933.

(A) F..... Pela cópia: **Telmonte**.

Podem V. Ex.^{as} ficar certas de que isto é autêntico. Não pomos o nome para que não

digam que é nosso propósito criar mal-entendidos. Mas o homem é alguém na sua terra. E no fim de tudo, também se pode ter como certo que é mais honesto que letrado, e mais conhecedor dos costumes de hoje do que da nova ortografia.

Agora uma carta amorosa de

Lobango Alto

Muito sincera e muito bem apanhada:

Menina:

A meia noite saime de cama para escrever-lhe.

Menina. Hoje com dois dias que recebi as noticia pelo meu coração ainda não estou comendo bem sobre o bilhete seu que a menina, escreveu-me. Piquei-me muito espatado pelo meu coração!!!...

Estivi em Lisboa donde eu aprendi a namorar com pequeninas mas não é assim; Hoje recebi bilhete sua eu então tenho muito medo de chegar lá no kuntal é capaz de eu panhar com tro por seu pai.

Primeiro temos que namorar durante uma semana com que podemos encontrar num citty que poderemos a converçar bem. Menina como o meu todo intenteiramente (entendimento) está em si!!!... Gosto lhe muito. Bastantemente menina! Eu não sei como vou fazer o meu coração dis que eu recebi recado pelo portador não estou comer nada porisso que os meus olhos não pode passar muta (desde) hora sem lhe ver!!!...

Cuidaado com as cartas e o portador também muita cautela eu não quero perder a minha carta de chauffeur, que eu tenho.

Eu não posso assinar porque a menina não assinou porem este ponto chega.

D. M.

Diz-nos o informador que este D. Juan, além de *chauffeur* é barbeiro. Pois se ele der tantas facadas nos fregueses como na gramática, desgraçado daquele que lhe vá cair nas mãos.

No cemitério de Luanda encontra-se gravada a inscrição abaixo, na pedra tumular de um inclito cidadão:

Aqui jaz António Baltazar Teixeira

Capitão-Mor do Alto Cuanza; Juiz Substituto do Amboim; Ex-Regente da Filarmonica «Mocidade Alegre» de Luanda; Alferes de Primeira Linha do Quadro Colonial; Enfermeiro ajudante do Quadro de Saúde da Colónia; Guarda-mór das Alfândegas; Antigo Oficial da Repartição de Emigração; Ex Arquivista da Secretaria do Depósito de Degredados; Antigo Gerente da Empresa Agrícola do Alto Cuanza; Ex-Chefe do Posto do Carique; Antigo Mestre da Escola de Artes e Ofícios de Luanda, e Ex-Presidente do Club Recreativo de Luanda.

Faleceu em 18 de Janeiro com 48 anos de idade.

Paz à sua alma.

Pela cópia: **Telmonte**.

Se este homem tem a desgraça de chegar aos 80 anos era necessário inventar lugares ou honrarias para ele se contentar. E tendo sido

tanta coisa na vida, na morte não passa dum cadáver. Consta que com a sua morte se resolveu o problema do desemprego lá na terra.

Vamos agora publicar duas engraçadas quadras que o nosso colaborador de *Malange* nos mandou

Para a filha dum fiscal do sêlo

Malange — 1929

Os teus lábios são rosados,
São dois gomos de romã,
São lindos, mas são pintados
A lápis, pela manhã.

Dize lá cara pintada,
Se o beijo dado por gosto,
Também nos custa a maçada
De pagar sêlo de imposto!

Zé Cartaz.

Glosas recebidas para o mote de «O Africano»:

Aparentando ser pura,
Neste clima, a mulher,
Pra trocar beijos prefere
A noite por mais escura
Em que mente quando jura
Tremendo de ansiedade.
Mas se acaso a beldade
De pele achocolatada
Da catunga a tem lavada
É melhor do que a saudade.

Abilmar.

Quem vive longe amargura
O seu pobre coração
Com saudades, com razão!...
A noite por mais escura
Quantas vezes nos tortura
E nos enche de ansiedade
Mas... digamos na verdade
A noite escura o tristinha
Mesmo que seja medonha
É melhor do que a saudade.

Dr. Pretito.

Quando fito com ternura
Teu olhar tam inocente,
Digo cá intimamente:
A noite por mais escura
Jamais oculta a candura,
A doce suavidade
De esses teus olhos, beldade!...
E um beijo teu, meu amor,
Mesmo casto, sem ardor,
É melhor que a saudade.

Amepy.

Glosas recebidas para o segundo mote do Branco no Preto.

Que a filha do Serafim
Namorada do Zé Nebo
É uma mulher do diabo,
Pode alguém dizer que sim;
Todavia, cá por mim,
Ainda não tive o gosto
De lhe ver o lindo rosto
Macio como um veludo!...
...Mas pode ela mostrar tudo,
Que eu digo não, com desgosto.

Amepy.

Mote a glosar:

*Só Deus pode resolver
A questão das transferências.*



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Diz um provérbio que «comer e coçar, basta começar»; — está antiquado. Lá coçar, sim; as coças sucedem-se por todo o mundo. Agora comer, foi tempo. A não ser «pinhas», ninguém come, hoje, como comia dantes; — por muito que comece... Não. O provérbio, agora, é assim: — «dever e coçar, basta começar». E aplica-se a todas as formas de dívida, MARIA RITA.

Mau é a gente dever carta uma semana... Cada dia que passa, aumentando o prazo, torna maior a própria carta a escrever; há as desculpas, as explicações; depois, mais uma ou duas semanas volvidas, avança o médio de que, para saldar quanto se acumulou, nos faltou aquele brilho, aquela eloquência, aquela fulguração com que desejaríamos resgatar-nos. E passa mais tempo. E habituamo-nos à sensação de adiar, todos os dias, o que todos os dias nos lembra. E apetece-nos ir para Honolulu, Tanganika, sítios complicados e remotos, onde não haja correio nem o perigo de esbarrar, a uma esquina, com o nosso credor de carta.

Um inferno!
Não fui para Honolulu; e, desisto, muito humildemente, de te pedir desculpa...

Sempre te conto, em todo o caso, o que me fiz deixar de escrever-te. Foi um drama histórico que eu escrevi.

Um drama histórico para o público — é sempre um drama histórico para o autor. Divide-se, este, em duas partes: — I — *A peça em ensaio* — II — *A primeira representação*. E pronto. A crítica, é um fim de festa... Dêsse drama, vou mandar-te o esquema.

Tu sabes o que é ter uma peça em ensaio? E andar a gente a ver quando será o nosso corpinho electrocutado; é olhar com agonia para cada bilhete de carro eléctrico, suspirando quando o seu número não é capicua e fazendo figas quando dá novos fora nada, — que é o que sempre acontece; é rogar pragas a Bartolomeu Dias e a todos os gloriosos navegadores, quando na rua esbarramos com um preto, que se multiplica, nessas alturas, pelo número de todas as esquinas desta bendita cidade; é entrar no teatro em passo de cavalo de cortezas, para cruzar todos os umbrais com o pé direito; é sentir, na penumbra dêsse palco, em cada apêrto de mão de cada intérprete, uma condolência pezarosa que nos acompanha naquele transe; é lamentar não ter ali uma pistola quando este ou aquele se permitte omitir um *que* em que fazíamos tanto gosto; é odiar subitamente a França ao ver os jornais noticiarem que ela proibiu a importação de batata portuguesa, — e descrever da misericórdia de Deus quando, como natural consequência, a criada nos anuncia que «as batatinhas estão de graça»; é duvidar de tudo e sobretudo da amizade quando um amigo nos bate no ombro e nos diz: — «lá estaremos... Já arranjei uns lugarzinhos e péras», — porque não lo diz com o calor, com o «salero», com a maldita e feroz tranquilidade de quem tem assegurado o melhor poiso do *Sector J*; e é passar semanas a comer só arroz de manteiga e outros manjares inocentes, tão ceito é que ao menor refogado as cólicas morais perdem toda a sua moralidade...

Sim, MARIA RITA! Tudo isto é... ter uma peça em ensaio! E tudo isto é só o acto de apresentação... Onde a acção pungente e fêrvida se desenvolve, é no segundo acto do drama do autor. Ai. Ai que a intensidade fere lume. Divide-se em dois quadros: — o *Ensaio Gerol* e a *Noite*.

No primeiro quadro, a plateia está deserta, graças a Deus. Reina uma penumbra sepulcral. Ao lado de um artista paramentado que não entra naquele acto e o considera inferior, o autor fuma, — fumeja. Para lá de um pano que criou raízes, ouve-se apenas um batuque des-

compassado que não estava na rubrica. Algures, na sombra, a Eternidade olha o elogio de pulso. E pelas alturas da noite em que, num salão redoidado, um moço lânguido deveria dizer maviosamente a uma beldade esquiva:

«queima-me o teu olhar de cinza e de veludo»,

ouve o autor, transido, lá para trás do pano, quatro berros bem sozoros que não rimam, — mas são a verdade merecida por qualquer desgraçado a quem foi dita. Mais batuque. Se Lisboa fôsse no campo, — cantava o galo. O pano decide-se, e, estremunhado, sobe.

Depois, até às cinco da manhã, — quando a coisa corre bem — a gente ouve uma obra que não escreveu; os que ainda ontem sabiam tudo na ponta da língua, hesitam, param, recomçam, como debatendo-se num idioma bárbaro a que os forçassem de improvisado; as luzes eléctricas deixam de ser eléctricas; pestanejam como gente, fora de propósito; somem-se quando deveriam brilhar calmamente; são indestrutíveis quando deveriam apagar-se num sópro. O palco está, para a visão do autor, juncado de rimas decepadas, de palavras escritas com amor, de belezas trucidadas, de formosuras mortas. E uma só voz alcança todos os escaninhos de sala, sacode com articulação impecável as cortinas corridas, levanta ao seu sópro poeiras sen síveis em altas profundidades de camarote: — a voz do ponto. O autor continua a fumar, a fumejar; procura, para sair, um chapéu que não encontra. Todos o olham com um ódio surdo — que êle retribui. Cá fora, a madrugada citadina, feia e sórdida. Um *taxi* onde o motorista sonha. Ruas desertas. Árvores que vão a correr para o teatro, coitadas. Solavancos. O carro para. Um dinheirão; mal empregado. Sorve-se um jarro de água. A cama é hóstil. O travesseiro já não esperava por nós, e revolta-se. O nosso corpo nunca foi tão comprimido nem tão pesado. E está morto. Porque tudo morreu, tudo. — Só vive a insónia.

E é logo, logo um dia interminável que afinal durou 5 minutos. Pensando na faceirice de Maria Antonieta e de outros heróis do cadafalso, o autor, — o autor do crime — tomou docemente nas suas a mão da manicura, deu a face e a coma aos cuidados capilares de um artista, envergou as suas calças mais bem vincadas, afivelou um sorriso forte, — e chegou cedo ao teatro. E' mal recebido. Lindos, fulgurantes, mas irascíveis, os seus intérpretes não lhe perdoam a covardia de os atirar às feras e se ficar para ali, num passeio enjaulado mas livre de marcação. Só as costureiras, que também não vão à cena e o consideram uma injustiça, lhe oferecem uma solidariedade maternal, que cheira o óleo de máquina, e o inerva. Passos apressados. Gente a correr. O contra-regra anda com um papel na mão; querem ver que não sabe de cor? A cara está toda passada. O autor também; que saudades, do deserto de ontem! Por buracos e fendas, num assomo de audácia, vai o martir espriear a sala. Arde. Nas primeiras filas, já estão dois críticos; com um ar severo, aborrecido, implacável. Há sempre, nas frizas, senhoras que se despem molemente. Gente de costas para nós, que nos intriga. Magotes nas entradas, com os bilhetes nas unhas. Um cheiro quente a indiferença humana.

Estoirá-nos uma bomba ao ouvido: «*vamos começar!*» E é a fuga. Cortinas de camarim velando uma luz forte em que não osusamos entrar. O pedestrianismo é o grande desporto da Sociedade de Antores, — para as noites de *primeira* dos seus filitados. Os sapatos apertam; o colarinho não é nosso; invejamos furiosamente os bombeiros; que crime cometer para que o policia me leve preso? E desaba o mundo, sob os meus pés São as pancadas de Moliere... Pronto. Acabou-se tudo. O sangue gira, gira numa artéria

muito tensa mas silenciosa. Para além das traves assimétricas do cenário, o que eu escrevi renasce, intacto, das cinzas de ontem... Já passou um quarto hora e ainda ninguém pateou. A estas palavras, com que eu contava, escorreu das paredes um sussurro grosso, — que era a plateia a rir. Bom. Pode ser... Lazaro também ressuscitou... A's vezes... toca a andar. Passear... Passear... Passear... Vão todos lindamente... Tenho muito talento!... Olha... Gostaram disto... Ih! Tantas palmas... E ainda dizem que o público é estúpido! Que inteligente que é o público!... Passear... Passear... O que é isto? Este escorregar pesado e brusco?... Ah. E' o pano a descer. — Parece pateada. — Se cair, é. O público é uma bêsta. Eu sou um animal. Quem me mandaria a mim... — Ahn? Parecia que me vinhas esbofetear... «Estão a chamar-te. Avia-te. Não sejas burro...» — Mãos a puxar; mãos a empurrar. E a fera; uma fera ruidosa e contente, a encher de trovoadas festivas uma onda de Sol...

... E depois, as cavalgadas dos amigos íntimos a dizerem: — «Estavas tão pálido!»

... Aqui tens, MARIA RITA, uma história verdadeira.

Tomaz Ribeiro Colaço.

Décimas... dentro do praso

Mesmo ao pintar...

Informam de Barcelona
A terra mãe do *sossêgo* —
Que um tipo nada pateo
Teve uma ideia ratona:
Que certa prisão bulhona,
Onde muito preso jaz,
Passe a ser — e o perspicaz
A sua ideia se aferra —
O Palácio Contra a Guerra,
Isto é: Palácio da Paz.

Que o local foi bem 'scolhido,
Ninguém pode contestar;
Que outro não podem achar
Onde haja menos ruído!...
Mas digo agora ao ouvido
De quem lê as minhas trêsas:
Tipo assim, com tais venetas,
'stá pedira... nos cabelos,
Uma chuva de martelos,
Ou mesmo de picaretas!

Bisnau.

Décimas... relaxadas

A «Bisnau», devo enviar
Calorosos parabéns,
Por inda ter uns vinténs
P'ra poder afiançar
Que paga e há-de pagar
Décimas... dentro do praso.
Eu então, não faço caso
Das contribuições lançadas,
Só décimas... relaxadas,
E' que eu pago e por acaso!

Por isso certo juiz,
Quis-me fazer um arresto;
Levar-me a casa e o... resto,
Mas torceu logo o nariz
E da acção foi infeliz;
Por que ficou a saber
Nada ali poder fazer;
Por que a minha moradia
Pertencia à senhoria
E o resto... à minha mulher!

(Aveiro).

Olegna.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHÁRADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 16

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

29 DE JULHO DE 1933

Decifrações do n.º 16: — 1) Lanção; 2) Zé Cagancho; 3) aveicultura; 4) casado; 5) cachoupo; 6) assocena; 7) prove; 8) caração; 9) Pérola, pela; 10) seresma, sema; 11) Otila, alito; 12) descifração; 13) do contado come o lóbo; 14) Montalegre; 15) Escorregar não é cair.

Decifrações: Rei do Orco, 14; Horaciano, 14; Otropavlis, 14; Reirobi, 14; Feirante, 12; Edipo, 11; Putra Luar, 10; Seria, 10; Só Darco, 9; Monteiro II, 9; Fantasma Negro, 9.

Charada em verso

(Ao confrade Otropavlis)

(1)
Que tremênda zaragata,
Houve há dias na Ribeira;
O filho do José Mata, — 1
Quis matar a companheira!

Alguém o foi informar,
Que ela era muí leviana,
E êle quis-se vingar
Duma forma deshumana!

Nota, pois, meu camarada, — 1
Que a fera tanto a zurziu,
Que a mulher foi machucada
E quási que sucumbiu!

Serigaita

Logogrifo

(A' Serigaita)

(2)
O *anel* que tu me deste, — 1, 3
Além de linda aliança, — 2, 5
Vi que em mim tens confiança; — 4, 8
Pois a ti, qu'rida Celeste, — 7, 8
Agradeço a lembrança — 6, 1
Que p'ra comigo tiveste.

Muito «chic» e original,
De cabelo de animal.

Otropavlis.

Novíssimas

(3)
E' imperfeita e insignificante aquela locomotiva. — 1, 2.

Reirobi.

(4)
Aquela *ave* leva no bico a *nota* que diz respeito à compra duma jóia. — 2, 1.

Rutra Luar.

(5)
E' puro o carácter do homem tristonho. — 1, 2.

Lérias.

(6)
Ao pé da mulher está o lubrificante. — 2, 2.

Nan-Nan.

(7)
Desde que me ofereceste a *ave* tenho tido muita infelicidade! — 1, 2.

Quim Mosquito.

(8)
A flor corta o espaço em direcção à cidade. — 1, 2.

Dília Galo.

Sincopadas

(9)
3 — A mulher é frágil como a planta. — 2.

Otropavlis.

(10)
3 — Num grupo de pessoas só o chefe usa da palavra. — 2.

Busina.

(Agradecendo ao confrade Rei do Orco)

(11)
3 — A mulher do Adrião,
Que é rica na esperteza,
Pregou co'a loiça no chão,
Quando 'tava pondo a mesa. — 2

Busina.

(12)
3 — Esta arma é um belo instrumento! — 2.

Serigaita.

Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(13)
DAMIÃO? PARTA NA SUA GENTE

Fantasma Negro.

(Pedindo a Reirobi para me ajudar a fazer uma jaula para o «L. de Albergaria»)

(14)
REIROBI FÁS A GRADE?

Olegna.

Enigmas tipográficos

7 letras

(15)

O	I	Y	
R	I	O	R

Sepol.

12 letras

(16)

P		
R		
R	I	O

Otropavlis.

Provérbio a adivinhar

(Ao distinto confrade Rei do Orco)

(17)
A Dona Alice Sobreiro,
Que é uma dama estilizada,
A's vezes 'stá o dia inteiro,
A falar a endiabrada!

Tem sempre que murmurar,
Da vida do semelhante,
Metete *gatos* a fartar
Duma forma edificante.

Mas a prima que é afinada
E embirra co'a chalaça,
Há dias mal humorada,
Largou-lhe esta que tem graça:

— «Atende Alicinha bem
E disto podes 'star certa;
Há um ditado que diz:.....
.....»

Serigaita.

ATENÇÃO! — A todos os sapientísimos e ilustrados colaboradores desta secção, rogamos o obséquo de nos enviarem cada produção num só papel, escritas só dum lado e com a respectiva decifração e pseudónimo ou nome do seu autor.
Não sendo rigorosamente observadas estas regras, nós zangamo-nos e pode ser a fim do mundo!

Terra preta

Lindamente acondicionada em saquinhos de papel com quadras dum poder de sugestão inenarrável.

Dá-se, por ter falhado a exportação.

Carta para

A. O. — Valença.

FAZEM-SE TROCAS DE CARROS: DÃO-SE VELHOS POR NOVOS E ASSIM SUCESSIVAMENTE

Editorial

Há por aí ainda, muita gente que considera o automóvel como um artigo de luxo. Pois nós pela ilustre pena do nosso condutor, sr. Arnaldo Opel da Rocha Brito, pedimos licença, não só para discordar com esta forma de ver, mas também e muito mais, com as comparações advindas dêste chamado.

Artigos de luxo, como tôda a gente sabe, são aqueles que se trazem por snobismo, por requintado gôsto, ou ainda por uma vaidade inexplicável. Artigo de luxo é por exemplo um formidável casaco de peles, que leva couro e cabelo a quem o tem de pagar; um frasco de perfume afrancesado que nos esgota a bôlsa; uma espanhola das antigas, daquelas que usavam o pente na nuca, e nos punham mais tolos do que pobres e mais pobres do que tolos; ou ainda e sempre ter em casa um tigre ao natural.

Agora um automóvel meus amigos! Onde é que está o luxo? Por acaso já se viu alguém vestir um automóvel como se faz a um casaco de peles? Alguma de V. Ex.^{as} será capaz de deitar um automóvel num lenço por muito *limousine* que seja?

Quem é que na nossa terra alugou um primeiro andar com porta para a escada para instalar um automóvel, ou um maluco que se atrevesse a metê-lo numa jaula e a alimentá-lo de carne crua na esperança de vir a fazer dêle um dia, um lindo tapete para pôr na borda da cama?

Não! Meus Senhores! O automóvel não é um artigo de luxo. É uma neces-

sidade inadiável. E de tal maneira, portugueses que me ouvis, que já hoje se diz assim o célebre provérbio:

Não deixes para amanhã o automóvel que podes comprar hoje.



O automobilismo Português

— Nestes últimos tempos tem subido muito. No último Domingo subiu a rampa da Penha, com enormíssimo espanto de sua santidade Pio Nono que até àquela data estava convencido que só os aeroplanos subiam.

— Brevemente vai realizar-se o circuito da Boavista. Entre um sem número de inscrições destacam-se as do Dr. Alves de Sousa e Correia de Barros, distintos médicos oftalmologistas desta cidade. A D. Palmira Coelho mandou burilar uma artística taça de prata para oferecer à melhor concorrente feminina que corra em Opel.

— Segundo lemos, está marcado o dia 13 de Agosto para esta formidável prova de força e de destreza dos carros. Por causa do dia, consta-nos que é o Leherfeld não aparece porque encalista com o 13.



Os sinaleiros

— Na Rua do Bomjardim há um cavalleiro que namora tôdas as tardes para um 5.º andar. Fala por senhas, e está tão habituado a fazer sinais que o convidaram a entrar no corpo sinalístico. A noiva ao saber disto fêz-lhe sinal de avançar.

— Aquele sinaleiro supra-sumo, um muito alto, com um nariz muito grande, sempre muito ruim e com cara de poucos amigos, que vegeta por aí, representa para nós o protótipo de sinaleiro encartado. Ainda um dia havemos de o caricaturar como fizemos ao Landru. Por aí chamam-lhe o *pau-têso*, e nós concordamos.



Palavreado automobilístico

Corrente — Aquilo que às vezes falta nos eléctricos. No automóvel nunca falta porque quem tem automóvel também tem dinheiro para comprar uma corrente.

Chumaceiras — Hoje quasi se não usam. A's vezes aparecem nos carros porque as senhoras se esquecem de as levar.

Ponto Morto — Ora aqui está um ponto que para nós não passa de um ponto de inter-rogação, porque não consta que haja algum automobilista que lhe mandasse fazer o enterro. Segundo os nossos cálculos, deve ser, no entanto, aquele ponto de marcha que levam os carros quando vão a um funeral.



O automóvel no estrangeiro

— Depois do circuito do Montjuich, em Barcelona, nadá mais houve digno de registo. Como o Sameiro venceu, consta lá fora que na próxima corrida internacional alinhará também o Bom Jesus e a Falperra. Faltam pormenores.

— O pequeno Citroën que andava a correr atrás de si mesmo há cerca de ano e meio, ourou a noite passada. Foi muito lamentado o facto porque êle com mais umas voltitas acabava de se esbarrar contra êle mesmo.



O que se diz no meio

— Que o Jorge Martins, depois que foi para a Rua Antero de Quental já cresceu um centímetro.

— Que o Cândido Mota em vista do infausto acontecimento foi a Lisboa dizer ao Colmansberge.

— Que êste, como boni alemão que, veio felicitar o Jorge ao Pôrto, e foi passar a noite ao Escondidinho.

— Que o Rocha Brito encomendou charutos marca Opel, e mandou virar o casaco, desde que a Revolução suspendeu.

— Que o *peixe-espada* do Aguiar Borges tem feito um enorme sucesso na Foz.

— Que o carro do Vitor França atendendo ao negócio do proprietário, vai mudar de côr. E dentro em pouco vamos vê-lo côr de café com leite.

— Que os manos Lucas da Cunha, lamentam profundamente não terem mais pessoas na família para comprarem mais *Opels*...

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma terá graça, de graça ::

O novo OPEL---o carro preferido pela "elite",

PEÇAS E

de
22.12.1910



NONA PEÇA DO CONCURSO

A TOMADA DA CERVEJA

Peça da actualidade, em duas garrafas e três copos

PERSONAGENS

{ O freguês — maltratado às vezes
Os criados — malcriados idem
O Barman — malcriado sempre
As mulheres dos tremoços — de mal com as dos camarões
As mulheres dos camarões — de mal com as dos tremoços

PRIMEIRO ACTO

A cena passa-se numa cervejaria da Praça. Mês de Abril. Ao fundo, em azulão, uma mulher em tamanho natural olha de lado para um copo. Cartazes pelas paredes. Três criados, todos velhos menos um, encostados ao balcão. Dentro do mostrador outro velhote magrinho. Sala deserta, salvo raras excepções; neste caso representadas por uma mulher de tremoços e um cavalheiro que pediu licença para ir à portinha da esquerda.

FREGUÊS DO COSTUME (*entrando e sentando-se a uma mesa indistinta*) — O' Pedro deixa ver uma cerveja.

PEDRO (*atenciosíssimo*) — De copo, Pilsener, ou Preta?

FREGUÊS DO COSTUME — Pilsener!

PEDRO (*sempre na mesma*) — Saiba Vossa Excelência que eu não sirvo nesta mesa. Mas eu dou ordens para Vossa Excelência ser servido como deve: num momento e do melhor (*Para outro colega*) — O' gordo! Serve aqui este freguês. Rápido, ouviste!

Neste entretimentos, já o homenzinho do balcão, de olhitos muito vivos tinha tirado do lote uma garrafa e limpando-a presuroso:

O HOMEM (*detrás do balcão*) — Pronto, freguês. Esta é do ano passado; e a cerveja para ser boa tem de agüentar um inverno.

A MULHER DOS TREMOÇOS (*roçando-se pela mesa*) — O freguezinho quer tremoços? Faço um tostão dêles, são uma delícia, e dou o sal de graça.

O FREGUÊS DO COSTUME (*bebe a cer-*

veja, come os tremoços e dá uma gorjeta de cinco tostões, pedindo desculpa da ninharia e agradecendo as atenções) — Boa tarde.

SEGUNDO ACTO

A cena passa-se no mês de Julho na mesma cervejaria. Está um calor de rachar. Sala cheia. Os mesmos criados, muitos mais fregueses e muitas mais mulheres com tremoços e camarões.

FREGUÊS DO COSTUME (*entrando e dirigindo-se ao Pedro*) — O' Pedro! Por favor sirva-me aqui uma cerveja mesmo no balcão.

PEDRO (*delicadíssimo*) — Espere se quiser. Eu não sirvo aí...

FREGUÊS DO COSTUME (*dirigindo-se ao homenzinho do balcão*) — O senhor podia fazer-me o favor...

O HOMEM DO BALÇÃO (*falando para o criado gordo*) — Esta gente imagina que eu tenho sete mãos! Era o que faltava. E a bica não dá mais. Ainda ontem fiquei sem o dinheiro de duas canecas.

FREGUÊS DO COSTUME — O' senhores; mas eu pago adiantado...

PEDRO (*atenciosíssimo*) — E eu já cá estava ontem!... Arranje uma mesa, se quiser...

A' porta aparece uma comitiva de cegos com pouca vista que começa a tocar e a cantar o Burrié.

UM DOS CEGOS

Quem é? Quem é?...

O FREGUÊS DO COSTUME (*que arranjou uma mesa*) — Quem é que serve agora?...

O CRIADO VELHO (*pondo um copo na mesa*) — Aí tem! Vamos à massa que eu não ganho para desfalques!

O FREGUÊS DO COSTUME (*pagando e chamando uma mulher de tremoços*) — Deixa ver 5 tostões dêles...

A MULHER DOS TREMOÇOS — Agora não tenho pratos...

A MULHER DOS CAMARÕES — Vai camarãozinho?...

O FREGUÊS — O' senhores o que eu quero são tremoços.

A MULHER DOS CAMARÕES (*arrancando os cabelos às dos tremoços*) — E é isto! Esta gaja parece que dá água lavada a todos os fregueses.

A MULHER DOS TREMOÇOS (*pregando-lhes uma estalada*) — E o sal é este! (*Tau!... Nas trombras.*)

Arma-se um valentíssimo sarilho, enquanto os cegos cantam distraidamente porque não vêem nada:

Eu beijo as tuas mãos, senhora!...

J. d'A.

CARTAZ DE HOJE

Rivoli: Sessões de cinema com os melhores filmes.

Trindade: Os filmes *Esta idade moderna* e *Salvai as mulheres*.

Batalha: o grande êxito *O segredo salvador*.

Para Pintar Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos



Nome

Pontos

Morada

(Cortar por aqui)

No próximo número damos a lista dos pontos obtidos por cada concorrente referente à segunda semana.

A lista da 1.ª semana vai publicada na 2.ª página

Quem quiser concorrer, não tem mais que marcar na gravura acima, **sete** dos 16 bonecos publicados. A marcação pode ser feita de qualquer forma: ou cortando ou riscando, os oito bonecos em que deseja acertar. Depois remetem a **barraca** para a nossa redação até à próxima quinta-feira.

No próximo número, será publicada esta mesma gravura sem os **cinco** bonecos que tem de morrer esta semana, de acordo com o envelope lacrado correspondente à terceira, que está exposto desde hoje nas montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto. **No número seguinte daremos a lista dos concorrentes e dos prémios atribuídos a cada um.**

Pede-se o favor de reclamarem no caso de não estar de acordo o número de pontos atribuídos. A tudo se dará resposta, porque nos concursos da MARIA RITA impera a

Honestidade e o Escrúpulo

Segundo o plano do concurso, quem quiser começar neste número tem de remeter junto a esta as barracas da 1.ª e 2.ª semanas sem qualquer marcação, sendo-lhe atribuídos quatro pontos referentes a essas semanas.